

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**LEITURA NA INTERNET:**  
**AS REFLEXÕES DOS EDUCADORES DAS ESCOLAS RURAIS DO**  
**MUNICÍPIO DE BARÃO DE COTEGIPE/RS**

Alini Fernanda Ferri Bedin (PMBC)<sup>i</sup>  
Fabiano Tadeu Grazioli (FAE)<sup>ii</sup>

## **1 INTRODUÇÃO**

Os estudantes que hoje frequentam as escolas brasileiras fazem parte de uma geração que se apropriou dos recursos tecnológicos antes mesmo de saber falar. É comum ver crianças brincando com telefones, mexendo no controle remoto, no teclado do computador e mais recentemente, nos *tablets* e *smartphones*. E da mesma forma que os professores levaram a TV, o videocassete, o CD, o DVD às escolas, surge o desejo de levar também o computador, como mais um recurso tecnológico para ser utilizado a favor da educação.

E os estudantes das escolas rurais, distantes dos grandes centros, estariam excluídos do referido contexto? Engana-se quem pensa que sim, pois iniciativas como o programa Escola Ativa buscam inserir os estudantes das escolas rurais no mundo digital, com a finalidade de melhorar seu desempenho escolar em classes multisseriadas. O programa visa, através de uma série de estratégias metodológicas, a aumentar o nível de aprendizagem dos alunos das classes multisseriadas e a diminuir a evasão escolar. Ele surgiu de um projeto do Fundo Escola/MEC voltado para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. A iniciativa foi transformada em um programa maior dentro do Plano de Metas “Todos pela Educação”, ganhando abrangência nacional.

Quando um estudante senta em frente ao computador, sua primeira ação é observar a tela e ler o que há nela, não somente as palavras, mas os símbolos/ícones lá existentes, para poder acessar as informações desejadas. Sendo a leitura uma necessidade tão imediata, quase inconsciente, o presente trabalho visa a discorrer sobre a temática da leitura na internet e sobre qual a concepção que os professores de escolas rurais possuem sobre essa nova maneira de ler.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

O assunto torna-se relevante à medida que focaliza a forma de ler, na internet, das comunidades de estudantes que até pouco tempo não possuíam sequer acesso ao computador e, agora, com incentivos dos governos federais e municipais<sup>iii</sup>, têm acesso a um telecentro, no qual podem utilizar esse recurso tecnológico.

O presente trabalho encontra-se organizado em duas partes, sendo que a primeira procura explicar o que é o hipertexto, como ele se apresenta na tela do computador, quais são seus componentes e suas possibilidades de interação e, em seguida, traça o perfil do estudante que se apropria dessa máquina, aqui chamado de leitor navegador: como ele se comporta diante da tela do computador? De que forma se apropria do hipertexto? Como transcorre a leitura diante de um ambiente com tanta informação? Na segunda parte é apresentada a compreensão dos professores das escolas municipais rurais de Barão de Cotegipe/RS sobre a leitura na escola e na web, uma vez que romper as barreiras do tradicional nem sempre é uma tarefa fácil, no que diz respeito à educação neste país, principalmente porque, à primeira vista, a realidade dessas escolas parece estar alheia à utilização de novas tecnologias.

## **2 A LEITURA NA INTERNET: O HIPERTEXTO E O LEITOR NAVEGADOR**

O leitor, diante da tela do computador, está perante um mundo de possibilidades exploratórias. Nesse sentido, ultimamente, a utilização do computador em sala de aula tornou-se sinônimo de inovação e objeto de desejo da maioria dos profissionais da educação. Dentre as inúmeras possibilidades de exploração que o uso desta máquina possibilita, encontra-se a leitura. Ler na tela do computador parece algo tão simples para o tanto de recursos gráficos e audiovisuais que a conexão com a internet pode oferecer, porém é uma nova forma de leitura que só é percebida quando o leitor está diante da tela do computador e começa a explorá-la.

Na verdade é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez que, como já disse, o texto em papel (ou o filme em película) forçosamente já está

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

realizado por completo. A tela informativa é uma nova ‘máquina de ler’, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma nova edição, uma montagem singular (LÉVY, 1996, p.41).

Ao mesmo tempo que o usuário só percebe a plástica, o formato, a interface do texto na tela do computador, o hipertexto só se realiza com a interpretação do leitor, “um ato de leitura é uma atualização das significações de um texto” (LÉVY, 1996, p.41).

Os textos contidos na internet utilizam-se de recursos multimídia, com sons, imagens e vídeos que possibilitam a exploração e o conhecimento mais concreto do tema a ser pesquisado. Os hipertextos, como são chamados, possuem o que se chama de links ou nós, ou seja, palavras ou figuras que levam o leitor até outro texto. Em linhas gerais, pode-se dizer que a junção de multimídia e links forma o hipertexto.

Se tomarmos a palavra ‘texto’ em seu sentido mais amplo (que não exclui nem sons nem imagens), os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos. A abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo, em oposição a um texto linear como um texto estruturado em rede. O hipertexto é constituído por nós (elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e por links entre esses nós referências, notas ponteiras, ‘botões’ indicando a passagem de um nó a outro (LÉVY, 1999, p.55-56).

Percebe-se que o autor não nega ao hipertexto a estrutura clássica dos textos impressos, quando coloca parágrafos, páginas e imagens como elementos de informação. O que faz um hipertexto diferente do texto impresso é a digitalização, o uso da tecnologia, que permite a passagem de um link a outro em poucos segundos, que permite ao leitor migrar para diversos locais de forma ágil. Ele navega num mar de informações sem deslocar-se fisicamente. Há anos atrás, o estudante que desejasse fazer uma pesquisa sobre determinado assunto deveria ir até uma biblioteca e lá se deslocar entre os diversos livros disponíveis à procura dos dados desejados. Com o hipertexto, a lógica da pesquisa continua a mesma, deslocar-se por diversos textos à procura da informação satisfatória, com a diferença de que o que se desloca não é o

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

leitor, mas o texto. “Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade à frente do leitor” (LÉVY, 1999, p.56).

Na área da educação, o hipertexto é uma ferramenta que auxilia o estudante na construção do conhecimento. Pesquisar em um hipertexto é mais atrativo, viabiliza o aprendizado através da exploração, oferece meios que tornam a busca mais dinâmica, devido aos recursos multimídia com tópicos, como figuras, ícones, sons, gráficos. Sua principal característica também é sua grande vantagem: o hipertexto também funciona de forma não linear, não observa sequência rígida, permitindo com que o leitor elabore a sua sequência. O estudante tem acesso ilimitado a um mundo de informações que podem ser acessadas rapidamente de forma mais objetiva. Clicando no link que lhe interessa, ele vai direto ao assunto desejado, ele tem a liberdade de estruturar o documento da forma que melhor lhe convém.

Da mesma forma que o texto adquiriu uma nova roupagem, mais dinâmica, atrativa e interativa, o leitor também adquire uma nova postura de leitura frente a esse texto, uma vez que ele se depara com uma gama de possibilidades e informações a serem pesquisadas. Essa nova postura permite que ele seja chamado de navegador.

Para Veen e Vrakking (2009), o fato de haver grande quantidade de informação em rede não impede que o leitor navegador encontre o que deseja. Segundo os autores, os estudantes de hoje aprenderam a navegar zapeando pelos canais da televisão. “Ao assistir à televisão, aprenderam a interpretar as imagens antes mesmo de aprender a ler, e a interagir, ainda que de maneira bastante restrita, com um meio de comunicação de massa.” (p. 29). A apropriação do controle remoto da TV foi apenas o aperitivo para o estudante de hoje utilizar a tecnologia a seu favor. Os leitores navegadores não têm receio de utilizar o computador como seus pais e professores, eles nasceram rodeados por recursos tecnológicos e acreditam que “a tecnologia existe para servi-los; quando isso não acontece, o problema é da tecnologia” (VEEN; VRAKING, 2009, p. 35).

O leitor navegador tem uma forma mais intensa de lidar com a informação, ele pode realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo: como pesquisar na internet, conversar simultaneamente com várias pessoas através de programas de mensagens e

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

dar atenção a todas selecionando o que lhe parecer interessante, mantendo todas conectadas e alternando o grau de atenção de acordo com o que for relevante para ele no momento. A rede exige que o leitor seja rápido e seletivo, não só em programas de mensagens instantâneas, mas também na interatividade. Com o hipertexto as páginas estão cheias de informações e, além disso, um link pode conduzir o leitor para um outro local.

A interatividade com o hipertexto possibilita a navegação pela rede, o leitor sente como se estivesse num mar de informações, ele sabe por onde começar, mas não tem certeza em que lugar vai parar, essa é uma característica muito comum do leitor navegador.

Além da possibilidade de explorar novos assuntos, outro fator que leva o leitor a explorar novos rumos é o tédio. “Basta o texto se tornar levemente monótono para que o leitor dirija-se a outras paragens, provavelmente para nunca mais voltar” (ALMEIDA, 2003, p.91). O autor atribui essa impaciência ao fato de haver muita informação sendo jogada na rede, ele tem “o mundo ao alcance do clique do mouse” (p.91), isso faz com que ao primeiro sinal de monotonia o leitor considere que a informação não é mais interessante para ele e vai em busca de algo mais.

O leitor navegador é seletivo, objetivo, inquieto e exigente quanto à apresentação da página na web, espera encontrar uma boa interface, uma apresentação que lhe seja agradável aos olhos, que não apresente problemas técnicos, caso isso ocorra, o leitor busca outra página imediatamente. Quando procura por algo, vai direto ao assunto, digitando em sites de busca a palavra que se refere ao assunto, acessando as primeiras sugestões e quando não encontra logo o que deseja ou vai para outra página. Por esse motivo, os textos na internet devem ser objetivos:

O documento deve começar pela conclusão, ou seja, deve começar onde os textos tradicionais terminam. Como o leitor também raramente faz a rolagem das páginas, a não ser que seu interesse seja capturado de imediato, a importância de se chamar a atenção logo nas primeiras linhas é fundamental (ALMEIDA, 2003, p.98).

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Almeida leva a pensar que não só o perfil de quem lê na internet é diferenciado, mas também de quem escreve, uma vez que os textos devem ser concisos, objetivos e curtos. É dessa forma que os links vêm auxiliar tanto o leitor quanto o escritor da web, eles servem para aprofundar o assunto, sem que o texto pareça longo.

O leitor pode, ao mesmo tempo, ser escritor, uma vez que existem sites que viabilizam essas duas situações. Capparelli exemplifica essa afirmação:

Ficções em hipertexto são obras literárias que se podem ver através de um computador e de um modem ligado em rede. Conforme os comandos, poderemos passar de uma moça caminhando pela noite em Chicago diretamente para a Praça Tianamen, em Pequim. Caso o leitor não estiver satisfeito, pode enviar um e-mail diretamente aos responsáveis pela história, porque a autoria da hiperficção é quase sempre coletiva. Seu espaço pode abranger milhões de páginas da www, e, conforme a entrada que o leitor fizer, o enredo de seu livro será diferente. Repentinamente, o leitor poderá descobrir-se como um dos autores do livro (2011, p.226-227).

Percebe-se que com os recursos de hipermídia disponíveis na internet o leitor navegador é um participante ativo da atividade de leitura, ele pode construir o texto a seu modo. A rede permite isso através da não linearidade da leitura e da escrita, da interatividade e da existência dos nós que propiciam a navegação na internet.

### **3 A LEITURA NA INTERNET E A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES**

Desde que inventou a prensa manual, Gutenberg promoveu uma revolução no mundo da informação, viabilizando o acesso em massa à leitura. Cinco séculos mais tarde as questões que envolvem a leitura ainda servem como tema para discussões, especialmente no âmbito escolar. Ler é dar sentido às palavras, procurando relacioná-las com outros textos e com as experiências já vividas. Quando uma criança ou adulto aprendem a ler, um novo mundo se desdobra a sua frente, surgem novas possibilidades de desvendar a informação e desenvolver o raciocínio, e de participar mais ativamente da vida em sociedade.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
***Leituras jovens do mundo***

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
***Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.***

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Com a escola se apropriando das novas tecnologias surgem outras discussões em torno da leitura. Nunca foi tão fácil obter uma informação como nos dias de hoje, basta ter um computador conectado à internet que, em poucos segundos, uma dúvida pode ser sanada e outras tantas podem aparecer e ser resolvidas devido ao estilo de texto e de leitor que essa nova ferramenta requer. Diante disso, o professor tem o papel fundamental de dar sentido ao uso desta tecnologia, é ele quem conseguirá enxergar a finalidade pedagógica deste recurso. Assim, foram investigadas as concepções dos educadores sobre o computador em sala de aula, tendo como foco específico a leitura.

Para saber o que os professores das escolas rurais de Barão de Cotegipe/RS<sup>iv</sup> pensam sobre a leitura na internet, foi-lhes perguntado, através de um questionário com perguntas abertas<sup>v</sup>, sobre sua concepção em torno da leitura em sala de aula, bem como, se a escola está formando leitores, uma vez que os estudantes dessas escolas primeiro se apropriam do texto impresso para depois interagirem com o hipertexto.

Quando questionados se acreditavam que a escola forma leitores, a maioria apresentou uma visão positiva, concordando que a escola forma sim leitores, porém com ressalvas. Segundo os professores, a escola forma leitores à medida que insere o estudante num ambiente letrado e lhe dá oportunidades para ler, mas muitas vezes as leituras são superficiais, sem que a criança consiga interpretar o que leu. Ressaltaram ainda que a grande maioria dos estudantes lê apenas o que é obrigatório. Portanto, o que se pode inferir sobre essas colocações é que as escolas ainda não estão formando leitores, o que existe são estudantes que leem quando solicitados, uma vez que o leitor teria outro perfil, seria mais inquieto, mais pesquisador.

Para os professores, o leitor ideal seria aquele que fosse além das leituras exigidas, que por meio da leitura se tornasse curioso, determinado, participativo. Ideal seria se o estudante soubesse fazer uso do conhecimento adquirido com as leituras, conseguisse interpretar o que lê e se utilizasse dessa informação no seu dia-a-dia. Dessa maneira, existe uma lacuna entre o tipo de leitor que a escola forma e o leitor que a escola desejaria formar. “Ler, portanto, não é tentar decifrar ou adivinhar de forma isenta o sentido de um texto, mas é, a partir do texto, atribuir-lhe significados

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

relacionando-o com outros textos na busca da sua compreensão, dos sentidos e de outras leituras” (FREIRE in KEHRWALD, 1998, p.22).

Nesse sentido vem o questionamento sobre a leitura na internet. Será que esse meio poderia estabelecer uma relação entre o leitor que a escola forma e o leitor ideal? Como já foi visto, os recursos audiovisuais existentes na internet são mais atrativos do que um texto impresso, possibilitam mais interação, permitem explorar vários caminhos, o que exige do estudante tomada de decisão, autonomia e capacidade de discernimento. Os professores demonstraram conhecer o universo hipertextual presente na rede, estão conscientes de que existe uma grande quantidade de informação que pode ser facilmente acessada e repassada de forma atrativa, com sons e imagens que chamam a atenção do estudante, portanto, através desses recursos multimídia, acreditam que a internet é mais um mecanismo que pode ser usado para a formação do leitor, tendo em vista a facilidade do acesso à informação e à interatividade que o hipertexto propõe.

Houve unanimidade em destacar que a leitura na rede pode ser uma forma superficial de leitura, justamente pela grande quantidade de informações que o estudante terá que manipular, pela pouca experiência com as leituras, o que dificultaria a capacidade de seleção exigida para uma leitura proveitosa na internet. Ao mesmo tempo que surgiu essa preocupação, apresentaram também uma solução. Caberia à escola auxiliar o estudante nas primeiras viagens nesse mar de informação. Os professores teriam a função de mediar a utilização desse novo recurso, orientando os estudantes conscientes, no sentido de que a internet é mais um recurso para ser usado a favor da educação.

Como se pode perceber, o computador e todas as possibilidades audiovisuais que seu uso permite são vistas como um recurso facilitador da aprendizagem, que pode ser integrado ao currículo e às atividades da sala de aula por meio da mediação do professor.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**



**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

O fato de as escolas ainda não formarem o leitor que se deseja, aquele sujeito pesquisador, autônomo, criativo, curioso, investigador alia-se ao fato de o hipertexto, com todos seus atrativos e suas inúmeras possibilidades de exploração, fomentar nos professores o receio e a desconfiança em reconhecer a internet como um meio confiável para os estudantes realizarem suas pesquisas. Certamente o leitor que navega nos mares da internet possui um perfil mais imediatista e inquieto, mas é a rede que possibilita isso e o leitor sabe que não há necessidade de perder muito tempo buscando a informação desejada, uma vez que se ele acessar outros caminhos poderá encontrar de forma rápida o que deseja.

Da mesma forma que o hipertexto não veio para substituir o livro, as tecnologias não foram criadas para substituir o professor, isto porque, toda informação jogada na rede só tem significado, se transformada em conhecimento. Dessa forma é que o professor se destaca, o educador mais do que nunca assume o papel de mediador, uma vez que o estudante domina a tecnologia e o professor orienta nos conteúdos. Com a apropriação da internet pelas escolas, a educação agora pode sair das quatro paredes e ganhar o mundo, pois num simples clique o estudante assume o papel de coautor, de criador do processo de aprendizagem e o professor assume uma postura de mediador. Em se tratando do dueto tecnologia e educação, a educação prevalece, isto porque o estudante pode ter uma gama de recursos tecnológicos diante de si, porém, se não souber para que utilizá-los, de nada servirão.

Com a criação dos telecentros os estudantes das escolas rurais agora também estão “plugados” no universo digital, por esse motivo é preciso pensar como a internet pode ser usada no ensino das classes multisseriadas, cabendo ao professor mais um desafio, unir realidades que à primeira vista parecem distantes. Para compreender melhor como utilizar a tecnologia, é preciso pensar sobre a mesma, analisar, conhecer, explorar tudo o que esse recurso tem para oferecer, sempre com o olhar de educador, aquele olhar que reconhece e transforma, que recria e constrói conhecimento.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**4 REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor navegador (II). In: SILVA, Ezequiel Teodoro da (Coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.p. 89-106.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999.

KEHRWALD, Isabel Petry. Ler e escrever em artes visuais. In. NEVES, Iara Conceição Bitencourt(Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

CAPPARELLI,Sérgio. A ficção em hipertexto. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania (Org.). **Questões de literatura na tela**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2012.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Tradução Vinicuis Feigueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

---

<sup>i</sup> Especialista em Tecnologias Pedagógicas para Educação pela Faculdade Anglicana de Erechim/RS. Professora da Rede Pública Municipal de Barão de Cotegipe/RS.

<sup>ii</sup> Mestre em Letras (Estudos Literários) pelo PPGL da Universidade de Passo Fundo/RS. Professor da Faculdade Anglicana de Erechim/RS. Orientador do trabalho.

<sup>iii</sup> A contrapartida do município para o referido projeto é oferecer treinamento aos professores, disponibilizar aos alunos transporte de sua escola de origem até o telecentro e a remuneração de uma monitora, que auxiliava professores e alunos quando necessário.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

---

<sup>iv</sup> Sete professores do Ensino Fundamental responderam ao questionário. Eles fazem parte das três escolas rurais que cumpriram o calendário proposto pelo projeto, que era de visitar o telecentro pelo menos uma vez ao mês. O questionário foi aplicado em maio de 2011.

<sup>v</sup> São perguntas ao entrevistado, através das quais eles tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.